

DR. JOAQUIM PAES DE VILLASBOAS

O 28 DE MAIO DE 1942

EM BARCELOS



ANO XVII DA REVOLUÇÃO NACIONAL



COMISSÃO PAROQUIAL DE BARCELOS DA UNIÃO NACIONAL

isto e impresso nas oficinas gráficas da COMPANHIA EDITORA DO MINHO-BARCELOS



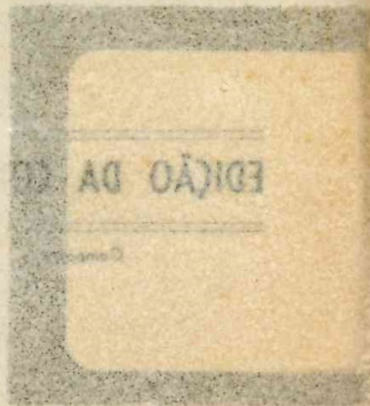
0 58 DE MAIO DE 1945

EM BARCELONA

ANO XXV DA REVOLUÇÃO NACIONAL



EDIÇÃO DA REVOLUÇÃO NACIONAL



Ex.^{mas} AUTORIDADES E REPRESENTAÇÕES OFICIAIS

MEUS SENHORES :

ANTES de encerrar esta sessão Comemorativa do levantamento militar de 28 de Maio de 1926, que o glorioso Marechal Gomes da Costa commandou, e que tornou possível, em primeiro passo, a Revolução Nacional, vou dizer, ou antes vou ler, algumas palavras por imperativo de grato, embora duro, cumprimento de Dever.

Depois dos discursos com prazer ouvidos, em que cada um dos oradores disse como sentia, eu vou também dizer como sinto, mas com maior responsabilidade na observância da ortodoxia oficial porque as palavras, que vão ser lidas, constituem documento de serviço que, para efectivação de responsabilidades, terá de subir às Instâncias Superiores Officiais.

Disse Salazar : « Enquanto pulsar um coração legionário a Revolução terá quem a defenda ».

É o dever, que esta frase encerra, a directiva superior inspiradora das minhas palavras, propositadamente escritas.

MEUS SENHORES :

« Na guerra moderna há uma frente na rectaguarda, e as Pátrias perdem-se aí muitas vezes ».

Grande, esmagadora verdade esta, contida em frase lapidar do Ex.^{mo} Sub-Chefe do Estado Maior da Legião Portuguesa, Senhor Capitão Ribeiro Casais :

« Na guerra moderna há uma frente na rectaguarda, e as Pátrias perdem-se aí muitas vezes ».

PORTUGAL está em paz, observando escrupulosamente a sábia política da neutralidade que o Chefe Salazar tão clarividamente mantém, e que não pode excluir, antes impõe, aquelas precauções armadas que são título necessário para a consideração externa de soberania, precauções que só podem julgá-las inúteis os covardes, só podem desejá-las inúteis os traidores.

PORTUGAL está em paz, deplorando os conflitos entre Nações nossas amigas. Mas PORTUGAL está em guerra com o seu inimigo n.º 1, o Comunismo, que a Rússia Soviética pretende espalhar pelo Mundo em ondas de destruição e de morte, material e espiritual.

PORTUGAL nunca reconheceu êsse Estado que, proclamando-se sem Deus, e contra Deus, fêre no mais sagrado a Alma Cristã da gente da nossa Terra de Santa Maria.

Mas, por lhe recusar o tratamento de Estado nas relações internacionais, nem por isso deixa de considerá-lo seu inimigo.

Ao banditismo ninguém reconhece direitos de existência, mas tem de reconhecer-lhe a existência, e contar com ela, para reconhecer e tratar como tais, os bandidos.

É, pois, um facto positivo, o estado de guerra. Não de guerra em que o inimigo se apresenta pela frente, não ocultando as suas intenções agressivas.

Mas guerra de rectaguarda, guerra de traição!

Em estado regular de beligerância, em regimen governativo de estado de Guerra, não há dúvidas quanto ao Inimigo, todos sabem onde êle está, — não há confusões.

Em guerra como aquela em que, em regime governativo de Paz, estamos nós os Portugueses, o inimigo dissimula-se, disfarça-se, combate a coberto de cumplicidades, conscientes ou inconscientes, procurando apunhalar-nos pelas costas.

Procura iludir-nos, dar-nos impressão de que o perigo não existe, enfraquecer a nossa defesa, fazer-nos descuidar nas precauções, até explorar com o nosso sentimento de Paz neutral.

*

É a hora de falar claro, e, nesta nossa Terra e neste lugar, falar claro é, talvez, desagradar, é provocar más vontades, é promover irritações.

Mas, por isso mesmo, o falar claro, que é necessidade, que é dever, tem mérito evidente: — o desagrado, as más vontades, as críticas de repulsa, e até de acusação, — irão revelar-nos posições do inimigo, posições

umas de cumplicidade consciente, posições outras de cumplicidade inconsciente mas nem por isso menos perigosas.

Falando nesta sessão comemorativa da data de 28 de Maio, primeira pedra do alicerce em que o Exército assentou a Revolução Nacional que Salazar chefia, falando pela Legião promotora, — eu tenho bem presente a responsabilidade das minhas palavras, mais um pêso sôbre as responsabilidades, infelizmente por muitos aqui ignoradas, propositadamente ou não, do Comando da Unidade Legionária local.

E porque falo tendo bem presente a noção exacta das responsabilidades, eu afronto, de bom grado, de frente erguida, de alma aberta e de braço levantado, as conseqüências inevitáveis daquilo que vou dizer.

Vou desgostar, por certo, aqueles a quem vou, talvez, desmentir, firmando autoridade das minhas afirmações na pura ortodoxia oficial das suas fontes, pois nada direi, nada afirmarei, que não seja verdade oficialmente proclamada por quem de direito.

Desagrada? — nunca o desagrado de outrem, por maior consideração e estima me mereça, foi entrave para o cumprimento dos meus deveres, para obediência à linha de conduta traçada por imperativo de consciência e, neste caso, mais ainda imposta pela disciplina.

Deploro, pois, ir desagradar a quem quer que seja. E deploro, duplamente, não só porque é sempre penoso causar incômodo, mas também porque tal desagrado só poderá equivaler a tácita mas pública confissão de erro persistente, infelizmente assim revelado longe de possível emenda.

Eu só vou dizer verdades da Revolução Nacional, doutrina do Estado Novo, directivas, afirmações e até ordens de quem de direito. E isto tem de proclamar-se franca e abertamente porque o contrário seria, de facto, traição consciente ou inconsciente, mas traição, ao serviço do Estado Novo.

As verdades que vou dizer não costumam ouvir-se por aqui. Costume será, mesmo, ouvir proclamada como verdade doutrina oposta, não apresentada como tal, mas, o que é pior, como se verdade fôsse, como se tal correspondesse à palavra de Ordem do Chefe.

*

Estamos em guerra de rectaguarda em que o inimigo usa preferentemente essas armas do equívoco.

Servir o equívoco é servir o inimigo!

Ora eu estou aqui a cumprir o dever de dar o brado de alerta. Conseqüentemente, tenho de prevenir-vos, senhores, de modo particular,

contra aquilo que, descuidadamente, possais ter tomado, ou tomar, como verdade e que não passe de flagrante mentira, perigosa mentira.

*

Tendes ouvido falar, por aí, de política de conciliação, de atracção, de paz e harmonia entre todos os Portugueses, de união de todos, etc.?

Mas tendes ouvido, também, e em acrescentamento, que não há aqui inimigos da situação? Sim, a Si-tua-ção tem muitos amigos... mas a Situação não é o Estado Novo. A Situação é o estado de coisas em que cada um cómodamente se encontra situado — quer dizer é, precisamente, a mais flagrante negação do espírito da Revolução Nacional.

Nenhum carácter bem formado deixará de sentir-se conciliador. Ajustar o exercício da nossa actividade, das nossas liberdades de pessoa humana ao exercício legítimo da actividade e das liberdades do próximo, é conceito de conciliação que todos perfilhamos justa e sinceramente.

Mas obter essa paz, essa harmonia, à custa do sacrifício da Verdade, à custa da transigência com o Erro, à custa de submissão ao agrado do inimigo, não é conciliação, — é traição.

Não direi, repito, uma frase, não farei, torno a dizer, uma afirmação que não possa encontrar-se em publicações oficiais, consagrada como doutrina rigorosamente ortodoxa.

Não farei, aqui, ataque senão àquilo que está superiormente determinado se combata com intransigente decisão.

Nós os que servimos Salazar como ele quer que, servindo-o, se sirva a Nação, nós abrimos os braços, e convidamos a enfileirar connosco, todos os que, de alma pura, ou de alma lavada sincera e confessadamente de erros passados, queiram connosco enfileirar.

Convidámo-los para os receber como camaradas iguais a nós.

Mas não consentiremos que, tal como, com justeza, disse há dias um categorizado escritor: « se queira alargar tanto o Reino de Deus que nêle possa caber também o Diabo ».

E, sobretudo, professando o culto da hierarquia, não podemos admitir que o exercício desta seja condicionado, e muito menos que o seja a beneplácito de inimigos ou de suspeitos.

Nós professamos êsse sentido militar da vida que a Revolução Nacional definiu, tal como, há dias, ao microfone da Emissora Nacional, em palestra de serviço oficial anti-comunista, disse o Senhor Comandante de Lança Freitas da Costa.

É este sentido da vida que o inimigo, declarado ou disfarçado, pretende minar, porque tal sentido constitui o seu mais difícil obstáculo.

O inimigo não vem para junto de nós, nem vem para esta terra provinciana, prègar abertamente a sua doutrina. Raro, raríssimo, quási impossível é ouvir alguém, por aí, fazer pública apologia do comunismo.

Até ouvimos, em alguns, palavras de repulsa pela doutrina. Mas ouvimos também, notem, até aos mesmos, afirmar que em Portugal não há comunistas, que o perigo comunista não existe entre nós, etc.

E até fazem elogios ao Chefe Salazar, mas vão instilando que... os governantes não podem ir contra a vontade do povo.

Ora aqui está o que se chama, com muita propriedade, em linguagem popular: «gato escondido... etc.».

Quem assim fala, quem afirma em Portugal não haver comunistas, nem comunisantes, e que até não há inimigos do Estado Novo, quem tal diz, quem assim fala: está procedendo, consciente ou inconscientemente, como agente comunista.

Afirmo-o com tãda a responsabilidade das minhas palavras!

Igualmente serve o Comunismo, igualmente serve a Desordem, igualmente conspira contra a Ordem, igualmente é Inimigo aquêlê que, sob qualquer pretexto ou dissimulo, quere fazer distinção entre Rússia Estado e Bolchevismo Russo, aquêlê que não sente, com quem quer que seja que combata a fêra no seu fôjo, aquela solidariedade moral que, como dever de Portugueses, foi lembrada ao País pela palavra autorizada de Sua Excelência o Presidente da Junta Central e Ministro das Finanças do Governo da Nação.

Serviço do inimigo é pretender ser mais zelador do que Salazar dos compromissos da Nação.

Serviço do inimigo é, também, entibiar entusiasmos, fazer afrouxar zelos, moderar legítimas intransigências, acalmar proselitismos com o fundamento de que não vale a pena divergências nem lutas pois «o Mundo não se indireita», — conceito que dito por chalaça faz rir, mas a sério é dessorante, conceito negativista de tãda a convicção, de tãda a firmeza de carácter, de todo o espírito de sacrifício, aquêlê espírito de Fé que faz os Heróis e que faz os Santos.

A hora que passa é de perigo para a Paz, para a Ordem, sem a qual a Paz é impossível.

Ao inimigo interessa o desassocêgo dos espíritos, o agravamento das dificuldades da vida, a impaciência e a indisciplina reagindo contra as medidas extraordinárias que o Poder responsável se vê forçado a impôr. E interessa também a falta de confiança na justiça do Poder.

Porisso, tudo que contraria esta Ordem é serviço do Inimigo, como igual serviço é o não cumprimento das Leis para dêle resultar fracasso das providências governativas.

Favorecem a Desordem, praticam a obra da traição não só aquêles que fazem crítica fácil, os que contrariam as medidas do Govêrno e o espírito que a elas preside, mas também, e muito mais, aquêles que acaso tendo conseguido investidura em funções de confiança, nelas sirvam em inobservância desse espírito na prática de favoritismos ou de impunidades.

Na hora presente achamo-nos frente ao Inimigo da rectaguarda, em alerta permanente, prontos a usar disciplinadamente da fôrça legítima, única garantia suprema do Direito, a cujo serviço está.

Posições definidas, pois, é o que temos de exigir, tal como no-lo determina o nosso Boletim Oficial.

Estar com Ordem é estar com o Estado Novo. Estar com o Estado Novo é estar integrado na Revolução Nacional. E estar integrado é aceitar, é professar, a totalidade dos princípios e práticas da mesma Revolução.

É aceitar todos, todos os princípios, professar tôdas, tôdas as verdades, e não apenas a parte que mais agrade ou convenha.

Não há meia verdade, há a verdade indivisível!

Porisso não estão connôscos os «meias tintas», aqueles que aceitam parte, que concordam em parte, que aceitam *quási* tudo e concordam com *quási* tudo!

«Quási» é restrictiva, significa reserva, não é tudo. Não serve!

«Estou com Salazar que nos dá govêrno de ordem, que nos tem dado a Paz; ... mas isto de Grémios, de Sindicatos e de Casas do Povo só serve para complicar a vida, para indisciplinar os operários, para aumentar a carestia... o Salazar, qualquer dia modifica isto, acabando com isso».

Nunca ouviram dizer isto?

Ouviram, com certeza, porque eu tenho ouvido muita vez...

E que é isto? Nem mais nem menos do que posição do inimigo!

Nós temos de combater o inimigo, procurando-o, perseguindo-o onde quer que êle se encontre.

Como diz o nosso Boletim Oficial, nós não somos provocadores, apenas queremos que, em nossa casa, o Estado Novo, todos cumpram a lei da casa, observem a regra de vida determinada.

E — como a mesma publicação acrescentava em directiva de Ordem — temos de desmascarar o Inimigo e obrigar a tomar a posição dêste — com tôdas as suas conseqüências — aqueles que não queiram, integralmente, estar connôscos, por restrição ou condicionamento.

Nós sofremos tôdas as conseqüências da nossa posição definida. Que os outros suportem também os daquella posição que lhes apráz.

Há muita traição a combater, há muita máscara a arrancar.

Criou Salazar a Mocidade Portuguesa, escola de civismo em sentido militar, farda e disciplina, ante-câmara de honra de ser soldado no Exército ou na Legião.

O mesmo espírito da Legião Portuguesa, a Fé nos mesmos princípios a formação base em evolução educativa, a preparação, para Futuro definido, dos soldados de amanhã — notem bem que não digo cidadãos, mas os soldados de amanhã.

São conceitos definidos, oficiais, constantes de directivas e de ordens repetidas, dimanadas de quem de direito.

Portanto, se dentro da Mocidade Portuguesa possível fôsse influência de espírito contrário: a restrição no culto da tradição histórica, a transigência com a Rússia, o anti-militarismo ou mesmo até o a-militarismo, — tal constituiria simplesmente traição, e, a quem a praticasse, já não poderiam aplicar-se, por insuficientes, as frases incisivas que, relativamente a alguns dirigentes, em aberto convite de retirada, fêz, há dias, o Boletim Oficial da Mocidade Portuguesa, atingindo directamente aqueles que se envergonham de saúdar de braço estendido, e, às verdades que estou expondo, chamam pejorativamente «fazer política», quando fazer política é missão da Mocidade como é missão da Legião, como é dever de todos, porque política, no sentido do Estado Novo, é só uma — política da Nação, e quem não fizer política da Nação não serve a Nação.

Várias publicações oficiais dizem, agora, ao público, pela imprensa e pela radiotelefonia: «confiai na Legião»!

Porquê?

Porque o Poder, pelo Governo responsável, pelos Altos Comandos de Defesa Nacional, confiou à Legião a Defesa Civil Territorial, com a complexidade de serviços que integram tal Defeza.

Para o seu desempenho tôda a população do território Nacional é posta sob a disciplina da Legião Portuguesa.

Ora uma das Secções de serviço da D. C. T., como por abreviatura oficial é designada, é, nem mais nem menos do que assegurar, disciplinadamente, a «unidade moral da Nação».

Isto importa muito esclarecer, pois não faltarão ingênuos, ou esper-tos em demasia, que queiram traduzir esta frase por transigência, tolerância com o Erro.

«A unidade moral» é dentro dos princípios da Revolução Nacional, únicos que são reconhecidos a Bem da Nação.

A unidade moral é unidade dentro do espírito legionário, expoente máximo do espírito nacionalista, como quere Salazar, que, por isso, afirma que «enquanto pulsar um coração legionário a Revolução terá quem a defenda».

A unidade moral tem de fazer-se dentro da Verdade, com a coragem moral da confissão da ideologia, sem restrições, com a coragem física de impor o respeito da doutrina e da prática, sempre em posição própria definida, e obrigando os demais à definição das suas, com tôdas as responsabilidades e conseqüências, pois o mesmo nós assumimos.

O legionário fala verdade e só verdade. Se não, não pode ser legionário.

O legionário é por Deus. Se não fôr por Deus, não pode ser legionário.

O legionário é pela Pátria. Se não fôr pela Pátria não é legionário.

O legionário é pela Família. Se não fôr pela Família, não é por Deus, nem é pela Pátria, não é legionário.

Não pode ser legionário! E se, por qualquer meio, chegou a sê-lo, terá de ser eliminado da Legião.

Por exemplo, pelos nossos Regulamentos não pode ser legionário aquêle para quem haja outra disciplina que não seja a das hierarquias, e muito menos aquêle que, ao agrado dos adversários, condicione o cumprimento dos seus deveres.

Assim também não pode ser legionário quem, à sombra do divórcio, tenha constituído estado que por nós católicos só pode ser chamado de pública mancebia legal, a mais escandalosa, a mais perturbadoramente anti-social, a mais desmoralizante das mancebias.

Se, já dentro da Legião, algum legionário em desvairo, se criasse tal situação, e se, para atenuar escândalo, não pedisse logo o seu discreto afastamento, para fazer esquecer a sua desgraça, seria, imediatamente, só por êsse motivo, eliminado da Legião, considerado indigno de ser soldado voluntário do Estado Novo, de ser guarda da Revolução, quem assim escandalosamente contra um e outra tinha atentado.

O Comando, como qualquer superior, tinha o dever de promover a imediata saída de quem já não podia merecer a mínima confiança para enfileirar connosco.

E se o superior, se o Comando, por negligência consciente, ou por transigência, não promovesse essa irradiação, para cumprimento dos artigos 7.º, 12.º, 15.º e 16.º do R. D. — publicado no Diário do Govêrno — êsse superior, êsse Comando, tornava-se, ipso facto, conivente, praticando assim acto de traição ao Estado Novo, à Revolução Nacional, e a Salazar, seu Chefe.

E quem pratica uma traição é capaz de praticar duas, cem, mil, tôdas as traições, sejam quais forem!

É claro, Senhores, que, se o Comando encobrisse a falta, se traísse, teria logo as simpatias dos adversários, dos de ideologia oposta, que até lhe passariam atestado de «nunca terem conhecido quem tão criteriosamente e com tanta elevação exercesse o Comando».

Evidentemente que ninguém melhor serviria as suas ideologias, e duplamente, contribuindo, por um lado, para minar o edifício do Estado Novo directamente, e por outro lado, também para fazer crer, aos sinceros do nosso lado, que não poderiam confiar na justiça superior, pois os superiores de maior responsabilidade eram os primeiros a encobrir. Daí a desconfiança, a descrença, a dissolução.

Estou aqui a querer ouvir: «melhor seria, em vez de tanta intransigência, um pouco de tolerância, até de caridade cristã para as fraquezas do próximo. O que é preciso é união de todos, conforme proclama Salazar, e todos não somos de mais para evitar motivo de divergências e de irritações».

Eu respondo desde já: Responde desde já por mim, a Legião Portuguesa, guarda voluntária permanentemente em alerta na defeza da Revolução Nacional, tal como Salazar quer que seja defendida, em combate ao Inimigo. Respondo:

Nós somos tolerantes, e devemos sê-lo, para com as fraquezas do próximo, colapsos transitórios, passageiros, que não imprimem carácter, faltas facilmente reparáveis, e que pequena rectificação é suficiente para até fazer esquecer.

Mas para com atentados à doutrina, no que ela tem de fundamental, práticas ostensivas, marcantes situações inconfundíveis e inegáveis, dessas que imprimem carácter, a nossa tolerância seria conivência e partilha de responsabilidade.

Porque a Verdade não pode transigir com o Êrro sem que a si mesma se negue.

O conceito de caridade cristã professa-o o legionário como um dos seus deveres prescritos legalmente:

Mas não se pretenda explorar com tal conceito, exploração perigosa!

Na vizinha Espanha a confusão em certos espíritos, no período pré-vermelho, favoreceu o advento do período vermelho, e, neste, êsses próprios irreflectidos e ingênuos das transigências pagaram com o martírio o êrro cometido, ainda que involuntariamente.

E nem escapou o clero, entre o qual também houve quem se deixasse atingir pela deformação de visão, quem chamasse provocadores aos

intransigentes na defesa da Verdade, aos incompatíveis com a protecção ao Erro. O martírio já os terá redimido perante Deus, mas os homens não esquecem, nem devem esquecer, a lição recebida.

«Todos não somos demais», disse Salazar, mas todos não quer dizer confusão ou mistura, quer dizer homogeneidade, o que é diferente, totalmente diferente.

Quem se ache, nesta hora, investido em função de Comando ou de Direcção, quem tenha, nesta hora, a honra de actuar em exercício de confiança superior recebida, muito terá a pedir a Deus que o ajude e ilumine, para que, entre ciladas adversas, consiga a verticalidade do aprumo e a rectidão da marcha.

Crime grave é sempre falsear o desempenho do cargo, que não é nosso, é da Nação, servida, como tem de ser, em identificação total, absoluta, com o Poder Superior.

Temos quem nos critique, disse o Ex.^{mo} Chefe do Estado Maior da Legião Portuguesa.

Temos quem nos odeie.

Muito nos honram tais ódios. O agrado dos inimigos, o seu aplauso à nossa actuação, seria a nossa deshonra, seria o atestado da nossa traição.

É a hora de falar claro, repita-se mais uma vez. E um legionário tem de falar claro sempre, dizer a verdade, dâ-la a quem doer, defender a verdade contra coacções com que pretendam deturpá-la, pondo de parte, conforme a frase do nosso Decálogo, «sentimentalismos doentios» e, mais ainda, conveniências e interesses de ordem material ou moral.

E não julguem — bom é avisar — que podem hoje repetir-se casos como os que em tempo mancharam a nossa Terra, quando briosos rapazes nacionalistas podiam ser enxovalhados impunemente, e, o que é mais revoltante, com a tolerância e transigência daqueles que, por dever de cargo, deviam ampará-los e protegê-los.

Hoje há a Legião Portuguesa que se defende a si própria contra todos os inimigos e contra tôdas as traições, apoia todos os bons Portugueses que saibam reagir contra o derrotismo, contra a cumplicidade, contra o falseamento na prática das directivas do Chefe.

E, graças a Deus, ainda há fora da Legião Portuguesa quem saiba reagir contra a traição, impedir as infiltrações, e mais ainda quando possam atingir a gravidade máxima da ocupação de cargos electivos de mando.

Porque o torpedeamento é a arma preferida pelos inimigos.

Se pudessem conseguir que não se cumprissem as Leis de abastecimentos, de repressão, de açambarcamento e especulação, se protegessem

a impunidade dos infractores, seria fácil levar ao espírito dos desprevenidos a descrença nas medidas do Governo, a quebra de confiança no Poder.

Se lograssem investidura em funções governativas de adversários reconhecidos por constantes práticas, não só conseguiriam, embora actuando cautelosamente, entrar a marcha da Revolução Nacional, mas até conseguiriam fazer germinar aquelas desilusões e entibiamentos de fé, anuladores, ou pelo menos enfraquecedores, da alma de alguns crentes.

Vós operários Sindicados, não sabeis que há patrões que surdamente proíbem o seu pessoal de fazer parte das Direcções de Organismos Sindicais?

Mas reparai bem na diferença: Não é entre êsses que tendes encontrado o exemplar exercício da actividade patronal, em plena compreensão nacionalista e social.

Não é entre êsses que encontrareis os que sustentam Creches, nem os que sustentam os seus operários em caso de doença.

São isto verdades, nada mais do que verdades assim como têm de ser ditas, nesta hora Comemorativa do Movimento inicial da Revolução Nacional, cabendo aqui repetir a verdade oficial de que a Legião repudia, em todo o seu alcance, a política da máscara, mais: está sempre em alerta para arrancar máscaras, a bem, ou a mal, consoante necessário fôr, o que é actuar dentro da disciplina e da Ordem, mentindo quem o contrário pretenda dizer ou insinuar.

E os contradictores, sejam quais forem, que tenham a coragem de tomar das suas contradicções a responsabilidade que estas palavras tomam, por irem ser presentes à Competência legal Superior para as apreciar.

Em afirmação de doutrina muito mais teria que dizer. Já disse muito duma vez só.

Mas comemorar o 28 de Maio, condigna e praticamente, só defendendo o Estado Novo que sobre êle assenta, só lutando pela Revolução Nacional que, naquela data, se iniciou.

Ter sido do 28 de Maio, ter tomado parte no lançamento dos alcerces, é obra meritória, credora da nossa gratidão. Mas, só por si, não basta como título de autoridade. Se, de então para cá, a coerência não foi perfeita, é pior ainda do que ter sido inimigo já então.

*

Há um ano Barcelos quási de todo esqueceu a data memorável. A Legião Portuguesa, fôrça armada de soldados políticos, da política de Salazar, comemorou só dentro do seu Quartel a data gloriosa.

Neste ano do Jubileu de Nossa Senhora de Fátima tomou a iniciativa desta reunião chamando para junto de si, em primeiro lugar, os seus camaradas de amanhã, os rapazes da Mocidade Portuguesa.

Rapazes da Mocidade Portuguesa da Ala de Barcelos!

O espírito de traição, mais infame, mais vil ainda por pretender abusar da vossa inexperiência, já aqui, nesta Terra Barcelense, pretendeu, em cúmulo de audácia, envenenar-vos a alma!

Não há limites para a ousadia na prática do crime!

Nem os limites do absurdo!

Como se fôsse possível pôr Salazar em oposição consigo mesmo, o Estado Novo divergente da Revolução Nacional, chegou a haver quem—não se sabe quem, mas conviria ter-se sabido para exigência legal da justa prestação de contas—chegou a haver quem—cúmulo de audaz infâmia—pensou possível criar na Mocidade Portuguesa, que Salazar fez escalão precedente da Legião, espírito a-Legionário ou, até, anti-Legionário!

Que nome tem isto?

Só um: Traição, que, posta a descoberto, verificada que fôsse a responsabilidade, teria, posso assegurá-lo, as justas conseqüências das devidas sanções legais.

Ao inimigo, como vêem, nada o detem, persiste sempre. Por isso, alerta também, rapazes da Mocidade! Ao primeiro indício de que pretendem abusar da indefesa pureza da vossa juventude, fazei aos vossos superiores a denúncia do acto criminoso, porque o vosso silêncio seria cumplicidade a manchar a lealdade das vossas almas, que devem ser generosas para com os vencidos, mas intransigentes para com a Traição.

*

Abrilhamaram esta festa, também, dando a honra de aceder ao convite, as Ex.^{mas} Autoridades e Organismos Políticos e Corporativos locais. A todos agradeço as atenciosas deferências dispensadas, especialmente aos distintos oradores, a quem tivemos o gosto de ouvir.

E, para final, o agradecimento particular aos Organismos Corporativos, sendo-me permitido, sem desprimor que seria até descortezia, dirigi-lo de modo especial ao Grémio do Comércio, cujo apoio caloroso sempre tem encontrado a Legião Portuguesa, tendo já tido a honra de ser louvado pelo Comando Geral, e aos Sindicatos de Trabalhadores, que nas almas simples dos seus componentes recolhem sempre o éco das mais ortodoxas afirmações das verdades da Revolução Nacional, e pelo Chefe professam sentimento verdadeiramente filial. Dentro deles, em exemplo que constitúi li-

ção para muitos dos chamados «que têm que perder» (sempre o repito) eu vejo legionários da unidade que tenho a honra de comandar. É lição que deve ser meditada por êsses «que têm que perder», a não ser que perder já não tenham por ter, de todo, perdido o sentimento de Portugueses.

Vou encerrar a sessão, levantando as exclamações regulamentares que espero serão respondidas não só pelos legionários e pelos filiados da Mocidade, mas por todos os Portugueses de Barcelos. Respondidas não protocolarmente, mas, sim respondidas com alma, com vibração, pondo na voz todo o fervor e convicção de verdadeiros Portugueses.

Quem vive? Portugal, Portugal, Portugal.

Quem manda? Salazar, Salazar, Salazar.

Viva Carmona.

Revolução Nacional — Ala Arriba.

Em Barcelos, a 28 de Maio de 1942, no Teatro Gil Vicente.

Ano XVII da Revolução Nacional

Discurso proferido pelo Comandante do Têrço
Independente n.º 67 da LEGIÃO PORTUGUESA

Joaquim Paes de Villasboas

Alferes miliciano de reserva

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

1,000 exemplares

biblioteca
municipal
barcelon



58286

O 28 de Maio de 1942 em
Barcelos